



Prefácio



Dor e poesia expostas

O escritor que não está ligado, de
um modo profundo, aos seus
semelhantes, e principalmente
aos homens de seu país,
é um invasor e não merece
o ofício que escolheu.

Osman Lins, *Guerra sem testemunhas*

A boa prosa é ímã da poesia. Atração mútua. Há de haver, contudo, o trabalho consciente do escritor. Hegel nos lembra em *Estética* que "a arte poética não deve apenas romper os laços que unem a intuição vulgar ao indiferente e ao fortuito, introduzir a razão nas considerações baseadas no intelecto, nas relações entre as coisas", mas precisa também "transformar em poético o modo de expressão vulgar da consciência poética prosaica, e, apesar de toda a intencionalidade que um semelhante trabalho comporta, *deve manter a aparência da espontaneidade e liberdade original de que a arte necessita*" [grifei].

Publicado pela primeira vez em 1984, *Fratura exposta*, prosa de intensa e dóida poesia, é um marco na literatura brasileira. Três dos oito contos deste livro de estreia de Jeter Neves foram premiados no Concurso de Contos do Paraná, em 1978, categoria estreante, e considerados pelos jurados superiores aos dos laureados na principal. Fritz Teixeira de Salles (1916-1981), que integrou o júri, saudou o novo escritor com estas palavras: "Em Jeter Neves há evidente interesse em fecunda experimentação. É autor, entretanto, que ostenta raízes tradicionais de narração clássica mesclada às conquistas mais modernas como os cortes cinematográficos, por exemplo. Jeter Neves é autor que 'provoca' a crítica".

Aos textos premiados no Paraná, o mais importante concurso para contos inéditos do país, Jeter juntou outros cinco novos e compôs a coletânea *Fratura exposta*, Prêmio Cidade de Belo Horizonte em 1983 e



lançado pela Editora Comunicação no ano seguinte. Antes da publicação, o jovem ficcionista retrabalhou o conto-título e os outros dois do concurso do Paraná, "Memória desfigurada" e "Bar e restaurante Suez". Quem leu a primeira edição deste livro vai se surpreender ou até se assustar com as novas versões dos contos, não somente desses três, mas de todos do volume, que a rigor é um novo livro. O que era ótimo tornou-se extraordinário, graças à "incansável perseverança" de Jeter Neves, e que resultou na "expressão mais clara, mais bela e mais vigorosa" dos textos, prática essencial a todo verdadeiro escritor e louvada por Arthur Schopenhauer (as palavras entre aspas são do filósofo alemão nascido na Polônia) em *A arte de escrever*. O susto positivo diante do grande e bonito salto na qualidade dessas histórias já se evidencia no início da atual versão do primeiro texto, "Memória desfigurada". Basta separar as frases (nominais, em boa parte) em versos para se tornarem poemas, como faço na transcrição a seguir.

*O casarão, posto nestas quietudes,
animal mitológico.
Janelas, como olhos vazados,
emoldurando segredos escuros.
Suas infinitas telhas, beirais degradados, andorinhas.
Uma escada de pedra conduz ao segundo pavimento.
Passos ressoando e se perdendo
em algum ponto desses corredores.
Gritos matinais de criança,
abafados, distantes.
Rumor de vozes.
Farfalhar de folhagens, brisa de montanha, fria neblina.
Corrimão gasto, vitrificado:
gerações trabalharam seu dorso de réptil.*

O teor poético se mantém elevado nas linhas seguintes e nos demais contos de *Fratura exposta*. O trecho que cito agora dá sequência ao anterior, colado nele: "A varanda domina a frente: colunas de aroeira, grades de cedro, marcos de ipê (senhores de gado, lavouras e gente pousaram



seus olhos de ódio, gana e prazer do alto dessas grades torneadas; sinhas e mucamas deslizaram silêncio e temores nesses caminhos de assoalho e sombras)". No parágrafo seguinte, lemos mais um poema em prosa: "Fora, longe, o gado pasta e esterca o cemitério de finados cafezais. Exauridas as forças primitivas, restam quatrocentos dos cinco mil alqueires originais, débil lembrança das matas, brenhas incultas, bichos selvagens, riachos e cachoeiras, lavouras, cafezais, força e honra de remotos senhores".

O leitor já se delicia com o texto primoroso e percebe que memórias são essas. No entanto, a espetada, incisiva, vem de maneira sutil, quase confessada, nos trechos do "Diário de Dom Fernão, escriturário da fazenda ano período provável de 1798 a 1819", em que revela as práticas cruéis do Dom Thomaz Velho do Couto, proprietário de terras, matas, lavouras, animais e de "treze dúzias de negros cativos", e ainda no destino que os herdeiros dão às terras e construções. Na nova "Pousada Colonial", instrumentos de tortura de escravizados viram objetos de decoração. Na divulgação do ponto turístico, desfigura-se a memória ao "evitar preciosismos históricos e informações que suscitem dúvidas" para "poupar o leitor de informação tendenciosa, visão depreciativa e texto conflitivo". Deseja-se "captar o lúdico, o saudável e o construtivo". O leitor viaja, atordoado, por esses negacionismos ainda vivos no Brasil. É dessa maneira que Jeter Neves toca o trombone. Adorno ensina em *Teoria estética*: "A arte é moderna através da mimese do que está petrificado e alienado. É assim, e não pela negação do seu mutismo, que ela se torna eloquente; eis por que não tolera já nenhuma inocência".

Inocência é o que não se vai encontrar neste nem nos outros dois livros do autor mineiro, os romances *A língua da serpente* (1993) e *Vila Vermelho* (2013). Jeter é escritor da estirpe do mexicano Juan Rulfo e do brasileiro Raduan Nassar, autores de apenas três livros, todos essenciais. Lembremos o artigo "Instinto de Nacionalidade" (1873), do então jovem Machado de Assis: "O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço". Em "Arte livre ou arte dirigida", Georg Lukács afirma: "Enquanto os artistas antigos foram filhos de sua época e de sua sociedade com uma simplicidade natural ou



com um entusiasmo consciente, a maioria dos artistas modernos – e principalmente os melhores entre eles – contempla com *cólera, desespero e mesmo horror o caos da sociedade que os envolve*, que quer reduzi-los à sua semelhança”. Desnecessário dizer que Jeter Neves integra esse grupo.

O leitor atento e afeito a obras clássicas não vai deixar de perceber a intertextualidade, o diálogo sutil do contista com diversos livros e autores, como de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, desde a nomeação dos capítulos do segundo conto do volume, “Arame farpado”, acerca da luta de quilombos pela sobrevivência. Mais uma vez Jeter expõe com poesia a dor tão próxima de nós e relegada na memória. “Não é hora de esmorecer: a gente não pode perder nossos meninos nem entregar nossa terra...”, diz uma personagem, aflita com o êxodo dos jovens. O escritor chega a unir história e estética numa mesma frase, como nesta aliteração: “Cada passo do processo é passado de modo simples”. Que ninguém se engane, o texto jeteriano é quase simples, sem firulas, denso, mas espelha leveza, é rico no léxico (bonito vocabulário) e na sintaxe (original e tão variado arranjo das frases). Um texto plástico e poético, vale a pena sublinhar; em geral inusitado, e acima de tudo elegante, lapidado com afinco e paciência.

Para esta reedição, louvável iniciativa do Escritório de Histórias, Jeter Neves reescreveu todos os contos do livro, alguns agora sob novo ponto de vista, o chamado foco narrativo. No entanto, não alterou o título deles (não precisava), todos metafóricos, perfeitos. Os exemplos mais significativos, nos dois casos, são o conto-título e “O sangue no olhar do vampiro”. Este último trata de suposta aparição de óvnis na Serra do Curral, em Belo Horizonte, o que atrai multidões de curiosos. Na nova versão, em feliz sacada de mestre, o autor introduz a galeria do artista plástico norte-americano Doug Aitken, *Sonic pavilion*, chamada por um jornal de “uma fratura exposta na terra”, instalada no maior museu a céu aberto do mundo, inaugurado em 2009 em Inhotim, em Brumadinho (MG), município assolado pelo rompimento da barragem da Vale que matou mais de 270 pessoas em janeiro de 2019. Nessa história, o autor liga, com impressionante maestria, ciência, tecnologia, devaneio popular e imaginação.

Já “Fratura exposta”, a angústia de um casal em conflito, ostenta envergadura literária comparável a “Os confundidos”, de Nove, novena



(1966), de Osman Lins. Jeter Neves retrabalhou radicalmente o conto, desde o belíssimo e altamente poético texto de fluxo de consciência à Joyce de *Ulisses*, no início, e intitulou os blocos da história como se fossem quadros ("mulher recostada com livro contempla"; "homem entrando no quarto disfarça inquietude"; "os corpos vestidos"). Nessa narrativa, candidata a figurar em futura antologia de melhores contos do século XXI, encontramos Téo, executivo em ascensão em novo emprego, homem manhoso, insensível à crise do casal, em irônico e cínico duelo verbal com a mulher, Lu, professora paciente, ativa, mas nada resignada, que tenta alertá-lo para a situação deles e os perigos do arrivismo do marido. Jeter Neves sabe muito bem que a arte é feita de detalhes, como se pode notar no trecho em que o Téo sai do escritório para almoçar e discutir a relação com a mulher num restaurante afastado da cidade. Lemos na edição de 1984: "Ao sair olha glamorosamente nos olhos da secretária. Essa acaba de retocar o batom e sorri com malícia". Na versão atual está assim: "Ao sair, demora os olhos nos olhos da secretária, que acaba de retocar o batom e sorri". A frase condensa tudo, descarta o advérbio terminado em *mente* e sugere a "malícia" no gesto e no sorriso da secretária. O leitor entende.

Não é à toa que entre os dois contos está "Pequenos assassinatos", uma história policial. Aqui, o escritor reescreve com destreza cirúrgica os blocos dos textos, ora em primeira pessoa, ora em terceira. Em corte de bisturi literário, Jeter sintetiza até mesmo a epígrafe, creditada ao personagem. Antes, em 1984: "Não dei certo e ponto final. Foi tudo carta marcada, jogo sujo". Agora: "Não dei certo, perdi feio. A vida é carta marcada". Na história, o personagem L.C., *serial killer* de "mente fria e calculista", como todos, age sob a proteção do "manto da noite", mas comete "um descuido capital". Ele diz e faz coisas de arrepiar. Depois de "Fratura exposta", o leitor vai encontrar "Bar e restaurante Suez", um conto antológico reescrito com esmero sobre a atmosfera opressiva num grupo de amigos durante a ditadura militar. O narrador-personagem se dá conta do perigo que todos correm: "Acontece que se deu o indesejável, comecei a transgredir o acordo mudo: o sentimento de que éramos estranhos ali. Afinal, quem bebia, quem comia naquele lugar?".





No conto seguinte, "A cidade como um verme", texto também bastante retrabalhado, sofremos com o sufoco das agruras cotidianas, hora a hora, da população pobre, desvalida, "as necessidades mais acanhadas" referida por Machado de Assis no capítulo V, "O terror", de *O Alienista*. Fecha o volume um contraponto, o delicioso e triste "O cachorro e seu menino", conto em que na versão anterior Jeter revelava desde o título a homenagem ao autor de *Grande sertão: veredas*, com a palavra "travessia" após dois-pontos em menino (é a única "alteração" nos títulos dos contos deste livro). Jeter mexeu ainda na dedicatória aos filhos, antes "Leonardim e Carola" e agora, passados 41 anos, "Leo e Carol". Claro que o texto do conto parece outro, ficou mais lírico, mais comovente, mais artístico – o "cachorro", no entanto, continua não sendo um cão, mas ainda um catador de material reciclável que se apieda do menino sem os pais na rua e passa a cuidar dele. É dilacerante a carência dos dois (o que não exclui o riso), bem como o esforço e a ternura do homem no cuidado com a criança. Como é pobre o resumo de uma história tão bonita e sofrida. O bom mesmo é ir ao original, o texto conduz, embala e entenece o leitor.

Não há no livro dois contos com estrutura, temática, personagens ou tratamento linguístico iguais, tudo muda a cada texto, o que dá agilidade a essa antológica coletânea. Sim, não há repetição nesses aspectos. Entretanto, todos os contos de Jeter trazem o estilo visceral do autor e a sua forte preocupação social, sempre com apuro estético, com emoção e humor. Equilíbrio entre estética, a busca do belo, e a ética, compromisso com a História, nunca o silêncio cúmplice. Para Adorno, a forma estética é "o conteúdo sedimentado" e "coerência dos artefatos". Arremata: "Contra a divisão pedante da arte em forma e conteúdo, é preciso insistir na sua unidade".

Obra de arte tem de agitar o sangue, mexer com a alma. A exemplo do que enfatiza Osman Lins, por intermédio do narrador de *A rainha dos cárceres* da Grécia, um escritor deve estar não apenas comprometido com a nomeação das coisas e com as coisas nomeadas. O autor que se preze e esteja irmanado com o próximo também não pode ser indiferente diante da opressão e das injustiças socioeconômicas, como afirma Abel, narrador de *Avalovara*: "Preciso ainda saber se na verdade existe a indiferença:



se não é – e só isto – um disfarce da cumplicidade. Busco as respostas dentro da noite e é como se estivesse nos intestinos de um cão. [...] Ouço: 'A indiferença reflete um acordo, tácito e dúbio, com os excrementos'. Não, não serei indiferente”.

Em seu site o autor de *Fratura exposta* deixa bem claro que não é indiferente e que trilha o caminho oposto: “Toda grande literatura e particularmente aquela que propõe uma língua literária brasileira e problematiza a complexa realidade social e cultural do país são portas abertas para uma visão de mundo imune à mediocridade e à alienação”. Nos contos deste volume e nos outros livros do autor fica evidente não só a denúncia da iniquidade persistente nos mais de 400 anos de capitalismo predatório e desumano – essa dolorosa assimetria na divisão dos bens da Terra e dos produtos do trabalho –, mas ainda a opção do escritor pelos sacrificados. Não cola o selo de obra datada que leitores e críticos rasos tentam aplicar a livros das décadas de 1960 a 80, período da ditadura militar. Ora, literatura não deixa de ser o registro de uma época, registro literário, transfigurado – não jornalístico ou didático –, com ressonância permanente, que rompe os séculos. É o que este livro é.

Também no plano da arte de narrar e da forma do conto, Jeter Neves é intransigente e destemido: não se repete, aproveita e embaralha as múltiplas teorias da história curta. Como afirma Nádia Battella Gotlib em *Teoria do conto*, as variáveis do gênero são tantas que cada texto dos grandes escritores se torna “um caso... teórico”. Portanto, o que você vai ler nas próximas páginas é algo raro, um show de literatura, literatura de altíssimo nível, arte real, duradoura como poucas. Em cada um dos contos de *Fratura exposta* nasce uma teoria, cada conto torna-se um caso teórico. Digo, sem temor de engano: Jeter Neves é um dos escritores mais vigorosos, criativos, inovadores e geniais que surgiram em Minas depois de Guimarães Rosa.

Hugo Almeida

Autor de *Vale das ameixas*,
Mil corações solitários,
A voz dos sinos e
A vizinha das sete cordas

